

Legitima



DE
FESA

SHIN CHAN



Legitima

**DE
FESA**

SHIN CHAN

Copyright © 2024 by Conec-Artes

Todos os direitos reservados.

Edição: Conec-Artes.

Revisão: Conec-Artes.

Diagramação: Conec-Artes.

Capa: Conec-Artes.

Título: Legítima Defesa

Gênero: Narrativo | Conto real

Autor: Shin Chan

Edição: 1ª

ISBN: 978-989-35679-4-4

Dundo – Lunda-Norte – Angola

A quem gosta ou quiser ler dedico esse mini conto!

Não faça vingança.

Deixe para mim, diz o Senhor. Eu retribuirei.

Embora já acostumado com o trabalho de transporte público, carregar as pessoas de um lugar para o outro durante o dia; de domingo a domingo, de paragem por paragem, onde há sempre problemas, contendas entre os clientes e faltas de respeito até com o motorista e o cobrador, estigas e desdém pelo veículo velho, um mini autocarro de cor branco sujo, motor e bancos cansados, um homem de 50 e poucos anos, humilde, simpático e muito bondoso com todos, Daniel Kuanda, amava o trabalho que fazia apesar dos apesares.

Conhecido do Chitato, Dundo até ao distrito do Mussungue onde hoje se encontra a famosa centralidade. Daniel era um bom marido, bom pai, bom avô e chefe de família, trabalhando para eles; porém, certo dia, enquanto voltava para casa lá pelas 18 horas com os últimos carregamentos de passageiros, à distância avistou uma senhora velha que enfrentava provavelmente a casa dos 80 e, com certeza, ele já sabia que essas senhoras de idade raramente têm dinheiro para pagar o táxi, ainda mais depois da notícia sobre a subida absurda do combustível e o táxi no país.

– Tata! – acenou para que o autocarro parasse.

– Mãe, kanawa? – indagou o senhor Daniel na língua cokwe após frear o carro porque ela não falava o português – Kulhi unai ufuco ao, mãe?

– Yami ngunai ku zuo, Mwana lunga! Nguxi nyi falanga, Tata.

– Nguia.

– Menekeno – a velha adentrou saudando todos com os seus materiais do campo e a banheira na cabeça que continha alguns mantimentos extraídos de sua lavra como a mandioca, kizaca, batata doce e verduras.

– Mwani – em unísono alguns responderam-na.

Por ser uma mulher do campo apesar da idade, ela aparentava ainda ter muita força para o trabalho. As roupas que trajava eram cansadas como ela, o cabelo branco contavam histórias e experiências vividas, a pele enrugada acostumada ao sol ardente do campo emanava um aroma a terra úmida.

Durante a viagem de regresso à casa ela permaneceu calada só olhando a paisagem pelo vidro da janela, a sua banheira estava exposta à vista de todos no corredor do autocarro enquanto ela parecia perdida em seus devaneios sorrindo. Atrás de si, no banco de trás, nos últimos do autocarro, três jovens encontravam-se sentados em conversas e fortes risadas.

– Ako, Tata! Kuno... – gritou a velha ao motorista.

– Ako? – o senhor Daniel indagou surpreso após olhar ao redor e não ver pessoas, animais, casas, bairro ou comunidade alguma no lugar onde a senhora disse-lhe para parar, apenas o verde que cobre toda aquela área se via; o relógio marcava 19 horas.

Sem pagar, a mulher desceu com as suas coisas e agradou dando quase um kilo de jinguba ao motorista como forma de agradecimento. No escuro, foi caminhando pelos capins altos até sumir do campo de visão de todos os que lá estavam no autocarro. Todos acharam aquilo estranho e arrepiante por ser do lado adjacente de um antigo cemitério, mas não relevaram.

– Tirei batata na banheira daquela avó, viram como? – revelou um dos três jovens que estavam atrás. – Vão querer um pouco também? É grande!

– Não, esse mambo está sujo, Julho – os outros dois negaram em uníssono porque ainda bebiam a água ardente que traziam desde a paragem onde subiram. Ou talvez por um outro motivo que não se sabe até nos dias de hoje.

Após um tempo, depois do trabalho, Daniel chegou em casa, pela porta dos fundos, sem dar a perceber a família que encontrava-se dentro, na sala assistindo o programa Fala Angola. Foi ao quarto, trocou de roupa, amarrou a toalha, pôs água no balde e finalmente foi se banhar para deixar o corpo mais leve e obviamente se despedir do manto de suor que lhe vestia.

Terminou o banho, vestiu-se e sem despedir a ninguém foi dar uma vista de olhos na sua lavra que se encontrava a poucos quilômetros de distância da sua casa, no lado de trás. Enquanto caminhava tranquilamente pelo terreno observando as suas plantações, um forte cheiro invadiu as suas fossas nasais sem permissão alguma até aos pulmões; um cheiro inquestionável e muito conhecido por todos, até para quem não fizesse o uso do produto, espalhou-se pelo lugar, sem sombra de dúvidas, de certo, era o aroma delicioso da liamba.

Seguindo o cheiro, Daniel finalmente encontrou os sujeitos que sobre o qual recaía a acção, eram três, cada um deles matando a liamba enrolada com os lábios já todos secos. Daniel observou atentamente o chão do local e viu que para além de fumarem, os indivíduos também comeram das mandiocas da sua mini lavra e nem sequer preocuparam-se em esconder as provas, deixaram tudo a li. Eram já 21 horas e Daniel estava distante de casa para ser ouvido pelos filhos caso gritasse por eles. Então, com todo o respeito e calma do mundo tentou conversar com os jovens:

– Boa noite, meus filhos! Não sei se vocês sabem, mas essa horta ou lavra é minha e vocês estão invadindo sem a minha permissão, é crime.

– Não vimos o teu nome nas folhas dessas plantas, vegetais ou legumes, mô velho, então se enxota – rebateu um deles enquanto soltava o fumo engolido na cara do homem que com eles tentava ter uma conversa calma.

– Eu peço que vocês saiam do meu espaço por favor! – ignorou o insulto ao notar o estado do mesmo jovem. Estava sobre o efeito da liamba.

– Cala mazé a puta da boca, mais velho, vai brincar. – Um deles empurrou-o para trás com muita força fazendo com que caísse.

Aproveitando-se eles dá situação, sabendo que era um homem de idade, agrediram-no violenta e brutalmente até ficar inconsciente e desmaiar de dor, mas antes, Daniel conseguiu acertar um deles com uma joelhada da barriga enquanto se tentava defender. Ao verem que o pobre homem caiu ao chão e desmaiou, seguraram-no e levaram-no até à porta traseira da sua casa, posaram-no aí e foram-se embora como se nada tivesse acontecido.

22 horas, sem a família aperceber-se de absolutamente nada, Daniel acordou, se sacudiu e adentrou em casa para dormir apesar das dores. No dia seguinte, antes mesmo do sol nascer e dar a entender as pessoas que mais um dia começou, e antes dos galos entoarem os seus cantos que nos servem de despertadores, dois jovens bateram a porta procurando pelo velho Daniel que se preparava para sair e ir pro trabalho; eram os dois jovens do dia anterior, os mesmos que agrediram-no, mas faltava um e parecia que dessa vez estavam sóbrio.

– Bom dia, velho! – um deles cumprimentou com a voz trêmula. – O jovem que bateste com o joelho na barriga acordou gravemente mal e está agora no hospital.

Surpreso com a notícia, só ele estava acordado em casa, correu ao quarto, vestiu uma camisa rapidamente e foi com os mesmos direto ao hospital. O jovem encontrava-se num estado crítico, a luz fugiu-lhe dos olhos e acabou por morrer. A polícia invadiu o lugar, a autópsia mostrava e dizia que não era a joelhada, o falecido tinha os dias contados,

os seus pulmões e outros órgãos já estavam lamentavelmente podre há tempos, Julho era o seu nome.

Preocupados com o pai que não foi visto desde manhã, Betinho, um dos filhos mais velhos, decidiu ligar ao pai, mas para o seu espanto uma mulher atendeu o telefone.

– Boa tarde, eu gostaria de falar com o dono do telefone, o meu pai, é possível? – indagou preocupado serrando os olhos porque ele sabia que seu pai não era um homem de muitas mulheres.

– Não! – respondeu a mulher do outro lado da linha telefônica. – Teu pai é assassino, matou meu irmão. Teu pai vai apodrecer na prisão e vocês nunca mais vão lhe ver, filhos da puta! Vocês vão pagar por isso.

Sabendo disso, Betinho ligou aos seus irmãos e foram até à esquadra para verem o pai e se informar sobre o ocorrido. A família de Julho prometeu matar um dos familiares de Daniel para igualar e isso fez com que todos abandonassem suas casas por um tempo indeterminado até que o problema fosse resolvido.

— Mas você não disse para eles por quê? E se você morresse com a porrada que eles te deram até desmaiar sem ninguém saber de nada e sem ninguém ali para te ajudar? Isso não conta? – meu companheiro de sela indaga em lágrimas após ouvir a minha história e o porquê de eu estar preso.

– Eles sabem, eu contei tudo o que aconteceu, mas isso não mudará muita coisa, uma morte é uma morte. Apesar dele ter os órgãos apodrecidos e os dias já contados, o golpe que dei enquanto me defendia causou-lhe uma morte precoce se posso assim dizer. Eu matei, mas foi por legítima defesa.

– E a velha que sumiu bem ao lado do cemitério? Ele não comeu da batata dela sem pedir? E se...

FIM

QUARTA, 22/05/2024

Sobre o autor

Shin Chan, é o pseudônimo literário de Melo Odilio António, aspirante a escritor e rapper, autor do livro “**A Rua 9**”, “**Um Reencontro No Necrotério**” e co-autor do livro “**O Meu Médico Oftalmologista**”, formado em pedagogia ensino primário, nascido aos 23 de Junho na província da Lunda-Norte. Participante de várias obras como antologias.

